HUMOR (?), (NÃO) INTERAÇÃO E INTERINCOMPREENSÃO NOS COMENTÁRIOS DO VÍDEO “DELAÇÃO” NO CANAL “PORTA DOS FUNDOS” DO YOUTUBE*

Márcio Antônio Gatti¹

Para essa mesa que nos foi proposta sobre discurso e cultura digital, resolvi fazer uma fala em torno de algo que já venho comentando nos congressos para onde eu vou e nos eventos dos quais participo, que é uma tentativa de análise do humor sendo praticado ou produzido nos e para os ambientes virtuais típicos da Internet.

Um dos espaços mais produtivos da Internet, talvez, seja o YouTube, porque ali vários grupos e várias pessoas que produzem humor (humor em pé, animações etc.) mantêm canais. Um dos grupos mais conhecidos do Brasil e que produz sistematicamente vídeos e material para ser divulgado no YouTube é o Porta dos Fundos².

Minha contribuição para essa mesa vem na esteira dessa análise discursiva do humor nesses espaços digitais específicos nos quais e para os quais ele é produzido. Nos últimos eventos de que participei, fiz falas voltadas à análise das polêmicas/controvérsias instituídas no canal Porta dos Fundos e analisei, basicamente, dois vídeos que foram bastante controversos à época de seu lançamento e que provocam algum tipo repercussão até hoje. Um desses vídeos é o que se intitula “Esquerda Túnica”³, o outro, “Delação”⁴. Hoje, porém, vou falar mais especificamente

*DOI- 10.29388/978-65-86678-33-8-0-f.67-80

¹ GATTI, M. **Discursos e culturas digitais**. 2018. (23m27s). Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=rLojBNiip50>>. Acesso em: 10 out. 2020.

² Outras informações sobre o grupo podem ser conferidas em seu próprio site: <<https://www.portadosfundos.com.br>>. Acesso em: 11 out. 2020.

³ PORTA DOS FUNDOS. **Esquerda túnica**. 2017. (2m01s). Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JQOWU1snUIM&t=23s>>. Acesso em: 11 out. 2020.

⁴ PORTA DOS FUNDOS. **Delação**. 2016. (2m38s). Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=m92wwsCxx7k&t=23s>>. Acesso em: 11 out. 2020.

sobre o mecanismo do comentário no YouTube e o quanto este é uma ferramenta que disponibiliza um espaço de interação, mas também o quanto ele é uma ferramenta cuja utilização revela uma não interação⁵.

Nesse sentido, vou analisar esse espaço, que pode ser encarado como o de uma cultura digital, observando que, mesmo os comentários que suscitam interação, são o que se chama muito preconceituosamente de “diálogo de surdos”. Mais para o final da minha fala, quero que isso fique mais claro. Gostaria, porém, de acrescentar que o que falo hoje, nesta noite, reverbera o que foi dito pela Professora Kelen Christina Leite pela manhã⁶, ou seja, a radicalização da disputa política, que, no caso analisado aqui, materializa-se na forma de comentários.

Comentários no vídeo “Delação”

Um dos vídeos produzidos pelo grupo Porta dos Fundos que mais provocou controvérsias, seja no próprio YouTube ou fora dele, foi o que se intitula “Delação”. Aliás, como parâmetro para esta “medição” de controvérsia, utilizo o fato de o vídeo ter escapado das fronteiras, primeiramente da página do próprio YouTube que hospeda o vídeo, mas também do próprio espaço do YouTube.

Trata-se de um vídeo que tem como pano de fundo a política nacional e a figura da Polícia Federal (PF) nas investigações que se tem feito no âmbito da operação Lava-Jato, tida por alguns como a maior operação contra a corrupção no Brasil. Porém, tais investigações alertam vários setores da sociedade civil⁷, já que têm privilegiado políticos ligados a apenas alguns partidos brasileiros, notadamente o Partido dos Trabalhadores (PT), ao qual estão vinculados dois dos últimos presidentes eleitos no Brasil.

O cenário do vídeo Delação é uma sala, onde interagem dois per-

⁵ Aqui vale uma nota sobre o título deste capítulo, marcado por tantos sinais gráficos: eles indicam uma relativização do modo de funcionamento do comentário na plataforma YouTube, a partir do espaço circunscrito do vídeo “Delação”. Relativiza-se, pois, se há uma compreensão de que se trata de humor e se há, de fato, interação.

⁶ LEITE, K. **Desigualdade e Políticas: O Papel da Ciência - Kelen Leite**. 2018. (48m11s). Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=C76b0V-xIe-A>>. Acesso em: 10 out. 2020.

sonagens: um agente da PF, que colhe o depoimento de um deputado. Resumidamente, o enredo é o seguinte: o deputado passa a delatar diversos políticos do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), partido localizado mais à direita no cenário político brasileiro, o qual vários veículos de mídias independentes dizem não ser investigado pela Lava Jato, embora haja evidências de que a corrupção seja também muito forte nesse partido. Nessa delação, o agente da PF se mostra pouquíssimo interessado, já que os políticos delatados seriam todos do PSDB. Até que surge, entre os documentos apresentados pelo deputado, um recibo de um jantar em que consta uma refeição: “Arroz de lula”. É o suficiente para que o agente peça para que se emita o mandado de prisão para o ex-presidente Lula, sem que este tenha qualquer envolvimento com o jantar, a não ser a homonímia com o molusco. Ao final do vídeo, ainda, o agente força uma resposta do deputado, para que este pronuncie a palavra “Dilma”, mesmo que totalmente descontextualizada⁸, para emitir um outro mandado, agora para a prisão da ex-presidenta Dilma Rousseff. É essa parcialidade representada no vídeo “Delação” que faz com que haja

⁷ No momento em que volto a este texto para revisar e entregar aos organizadores deste volume, praticamente dois anos após a minha fala no Seminário Ciência, Políticas e Metodologias de Pesquisa: diálogos Brasil e Portugal, estão em evidência as revelações dos vazamentos de mensagens entre procuradores e outros servidores públicos ligados à força tarefa da Lava Jato, vazamentos chamados ironicamente de Vaza Jato. As reportagens que tornam públicas as conversas entre esses servidores têm sido produzidas prioritariamente pelo site The Intercept Brasil, e têm posto em xeque a própria operação da Polícia Federal, colocando em suspeição a atuação de seus membros (cf. <https://theintercept.com/series/mensagens-lava-jato/>). Em um próximo texto, devo revisitar os comentários do vídeo “Delação”, pois há interessantes materiais a serem analisados ali, produzidos após as divulgações da Vaza Jato e que provocam inclusive uma necessária reflexão sobre as metodologias de análise e coleta de dados no espaço dos comentários, produzidos a qualquer hora e por qualquer navegador.

⁸ Há uma exploração humorística de um traço fonético do português brasileiro, a pronúncia de “i” no lugar de “e” em determinados contextos, sobretudo os átonos. Vejamos o diálogo final do vídeo: “**Agente:** Você não precisa de mais nada? **Deputado:** Não, não preciso de mais nada. **Agente:** Do que é que você precisa? **Deputado:** De nada. **Agente:** Vamos supor que você queira cozinhar, você precisa de quê? **Deputado:** Eu preciso... de uma panela... **Agente:** Dilma panela? **Deputado:** É de uma panela. **Agente:** Dilma? **Deputado:** De uma. **Agente:** Dilma? Pode omitir o outro mandado, tá presa a comparsa dele também”. Embora grafados aqui de formas distintas, tanto “de uma” quanto “Dilma” têm praticamente a mesma pronúncia, algo próximo de [‘diwma].

enorme controvérsia, de modo a ultrapassar as fronteiras do vídeo e do próprio YouTube⁹.

Ao menos no Brasil, há um hábito de comentar os materiais veiculados na Internet. Trata-se de um tipo de comportamento digital, impulsionado e possibilitado pela Web 2.0¹⁰. Em vídeos muito visualizados no YouTube, há milhares de comentários, assim como em outros espaços, como os proporcionados pelos portais de notícias e sites de grandes jornais. Esse espaço recente tem se configurado como um lugar específico de debate público na Internet, sobretudo nas redes sociais e sites/portais de notícias.

Há, portanto, um debate público acontecendo nesses espaços, e não podemos ignorar isso enquanto pesquisadores, principalmente enquanto pesquisadores do discurso. Contudo, o modo como se dá o debate no Facebook, no YouTube e em portais de notícias mostra importantes diferenças. No perfil de uma pessoa qualquer do Facebook, a tendência é que o debate fique mais restrito aos amigos virtuais, embora possam ocorrer outras formas de interação, por exemplo, em páginas de jornais e de outros veículos de comunicação mantidas no Facebook (praticamente todos os jornais, como Folha de S. Paulo, por exemplo, mantêm páginas no Facebook, assim como outros veículos de comunicação, como o *Contraponto* Livre e o Brasil 247). Nessas páginas, os usuários da rede social podem comentar livremente e interagir com pessoas que não são da sua “bolha”.

Em geral, os grandes jornais, como a Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo, também portais de notícias como o G1, destinam espaços específicos para que os internautas leitores possam comentar as notícias que estão sendo veiculadas no seu site. Trata-se de um canal que se vincula diretamente às notícias, pois vem logo abaixo delas e cada comentário vai se somando aos demais. Nesses espaços, a depender do veículo de comunicação, pode haver algum tipo de moderação, muito provavelmente

⁹ Houve sugestão, inclusive, de boicote ao grupo de humor por conta desse vídeo (cf. Disponível em: <<https://www.huffpostbrasil.com/2016/04/08/lembra-o-video-delacao-do-porta-dos-fundos-o-boicote-que-pla-a-21691141/>> Acesso em: 10 out. 2020).

¹⁰ Marcada especificamente por aplicativos que permitem ao usuário a produção de conteúdos (ver Barton & Lee, 2015).

te efetuada por máquinas virtuais que detectam palavras e expressões “proibidas”.

No caso do YouTube, a interação se dá de modo bem mais aberto. Tendo um perfil, que pode ser, inclusive, falso, este vai gerar a possibilidade de se comentar os vídeos que ali estão disponibilizados. Em canais como o “Porta dos Fundos”, que é bastante conhecido, esses comentários se multiplicam fortemente. E não há uma mediação muito controladora, ou mesmo uma mediação aparentemente estabelecida. Então, os comentadores e os comentários que lá são produzidos não mostram ter sofrido algum tipo de controle.

Como já anunciado nesta mesa, vou focar nos comentários do vídeo “Delação”. Primeiramente, porque se trata de um dos vídeos mais comentados do canal “Porta dos Fundos” e, em segundo lugar, porque é um vídeo que gerou muita controvérsia no canal e fora dele.

Algo digno de nota é a questão do humor ou o modo como ele é compreendido (ou não) pelos comentadores. Ao ler os comentários, é observável que o humor passa quase despercebido. Trata-se de algo bastante interessante, visto que afinal este é, de fato, um vídeo de humor produzido por um grupo de humor. Esse ato de ignorar que se trata de um material humorístico me parece bem revelador do tipo de interação que se passou a estabelecer ali.

A maioria das pessoas comenta e se posiciona muito acidamente e muito polarizadamente sobre o conteúdo do vídeo. As posições dos sujeitos que ali comentam são em torno do conteúdo do vídeo, não importando com o fato daquilo ser humor. No máximo, há um ou outro que se dispõe ou a rir ou a questionar a validade do vídeo enquanto peça humorística.

Do ponto de vista analítico, o conteúdo produzido pelo comentário e o próprio espaço do comentário proporcionam novas questões. Só pelo fato de se estabelecer como um lugar para que as pessoas comentem, escrevam on-line, respondam aos conteúdos produzidos ou mesmo aos outros comentários, há algo muito interessante acontecendo, que é a observação imediata das reações ao conteúdo que foi produzido. Isso é algo que antes somente poderíamos supor, com exceção de poucos espaços, como as cartas ao leitor, que são de uma outra categoria, as

quais sofrem diversos tipos de controle e não ocorrem, de forma alguma, imediatamente. De tal modo, poderíamos apenas supor que um texto ou outro material poderia provocar uma reação X ou Y. No caso dos comentários, podemos atestar essa reação X ou Y quase que imediatamente. E com isso não quero dizer que as reações ali observadas são as únicas possíveis, tanto que eu comecei dizendo que não há reação imediata sobre o humor.

No caso do vídeo em tela, parece-me que as reações são até previsíveis, porque se tem, nesse mesmo contexto de produção do vídeo, uma polarização política acontecendo. E ela determina, de uma maneira muito incisiva, o que as pessoas vão dizer e de que modo elas vão se posicionar em torno daquele conteúdo produzido.

Assim, desse ponto de vista, o espaço do comentário permite a produção de um debate público importante e no qual se pode encontrar material riquíssimo para análise, tanto para as teorias do discurso quanto para as teorias da conversação, da análise de conteúdo, da interação etc.

Do ponto de vista da interação, há uma questão que precisamos observar mais atentamente. Em resumo, o funcionamento discursivo dos comentários de “Delação” mostra que há uma tendência, por conta dessa polarização política, de não escuta, de não se compreender o que o outro diz. Então, na verdade, a interação é superficial e muito marcada pelo clichê, o lugar-comum e pelo estereótipo. Há posicionamentos que não se conversam, de fato, e é nisso que queria me deter aqui.

O que as análises mostram é que nós temos basicamente dois tipos de comentários. Um que não suscita nenhum tipo de interação, que está “solto”, isto é, não provoca respostas de outros comentadores, embora se possa observar uma posição discursiva e ideológica clara. E um outro tipo de comentário que abrange aqueles que suscitam algum tipo de interação, a partir dos quais se estabelece uma conversa, em que outros comentadores respondem ao comentário inicial. Nesse tipo de comentário também é possível identificar uma posição discursiva e ideológica.

Já de início, posso afirmar que não é só a posição discursiva e ideológica do comentador que vai fazer com que o comentário provoque interação. Claro que isso está restrito a esse vídeo específico que estou analisando. Não é possível, de tal forma, generalizar para outros do You-

Tube, ou mesmo para outros espaços de comentários na Internet. Para pensar isso generalizadamente, precisaria analisar uma massa de dados e utilizar algum software que pudesse medir o modo como se dá a interação nas redes. Mas aí temos um outro trabalho.

Com relação a esse tipo de comentário que suscita interação e implica fortemente muitas respostas, podemos inicialmente especular sobre as motivações para isso ocorrer. Isso, porém, é muito difícil de mensurar, porque muito provavelmente são motivações que não estão exatamente no comentário ou não estão somente no conteúdo produzido, e que, talvez, sejam até externas, como o fato de existirem “comentadores profissionais” (acho que em alguns casos, podem-se se excluir as aspas...), que passam boa parte do seu dia comentando conteúdos na Internet. Assim, é muito difícil entendermos porque um comentário X teve muitas respostas e um comentário Y teve poucas ou nenhuma. De tal modo, o que vou observar aqui é a polarização política nos dois tipos de comentários.

O que se pode observar é que a polarização é perceptível e indica dois posicionamentos específicos, um contrário ao conteúdo do vídeo e outro, favorável¹¹. Entender essa interação que se dá entre esses dois posicionamentos é o que para mim é mais relevante nesse momento. Assim, já de antemão, antecipo que se trata de interação superficial, cuja escuta está prejudicada pela polarização desses posicionamentos. O que ocorre é uma não compreensão entre esses dois posicionamentos que se *interincompreendem* mutuamente (MAINGUENEAU, 2005).

Para podermos visualizar, segue um quadro com enunciados do primeiro tipo (em que não há interação estabelecida) e alguns dos comentários do segundo tipo, junto de algumas das respostas que eles suscitam:

¹¹ Há diversos comentários que não abordam o conteúdo do vídeo, limitando-se a fomentar a polarização política ou apenas a agredir.

Comentários do tipo 1 (não há interação)

Posicionamento 1	Posicionamento 2
“Quanto será que receberam de "incentivo cultural" para a realização dessa obra-prima?”	“E não é que eles estavam certos? vai lá, da bola pro metalheiro”
“o problema do PT é aquela velha história, quem nunca comeu melado se lambuza, os outros partidos tão acostumados ao longo do tempo e não se lambuzam tanto, só retardados pra não enxergar”	“Melhor vídeo do Porta .. Ondi esta os otários que saíram nas ruas , com painelas em pleno domingo? Agora o país esta pior que antes”
“Sem graça. "Aparentemente" a intenção maior foi defender interesses políticos, em vez de fazer algo cômico. Sem contar o desserviço que está sendo feito, ao escarnecer de uma das mais importantes ações realizadas pela justiça brasileira.”	“E exatamente isso que acontece. Todos os partidos estão envolvidos até o pescoço e só criticam o PT kkkkkkk... Porta dos Fundos, vcs são visionários e inteligentes! Vocês tem minha admiração! Chupa tucanos de merdaaaaaa!!!! Chupa viúvas do FHC!!!!”
“e ainda tem gente que dúvida que esses caras não são pagos pelo PT. Porta dos Fundos perdeu a credibilidade já faz muito tempo..”	“Vim do futuro pra falar que o Porta dos Fundos tava certo e os coxinhas enfiaram as painelas naquele lugar 😂😂😂😂😂😂”
“13.000.000 de inscritos....aí você olha seu canal científico favorito e tem 1000 inscritos. A mesma ciência que trouxe a tecnologia tal qual, permitiu esta desinformação sob o aval do entretenimento.”	“KKKKKKKK.....A cara da nossa PF, do nosso MPF (sobretudo o de Curitiba).....Muito bom o vídeo!. MUITO TRISTE Q SEJA UM HUMOR Q REPRESENTA A VDD DESSAS INSTITUIÇÕES!”

Comentários do tipo 2 (há interação)¹²:

[comentário com 114 respostas] *Esse vídeo ofende a PF, se vocês não acompanham o trabalho deles não podem publicar um vídeo assim, não existe apenas a Lava Jato, e também não foi "só o PT" que sofreu as consequências com relação à corrupção. Leiam mais sobre a operação e também sobre outras. A Polícia Federal trabalha imparcialmente, quem não sabe*

¹² Todos os comentários foram coletados em acesso no dia 06 de novembro de 2017 ao vídeo “Delação”.

disso ou não pesquisa ou fica repetindo o que um vídeo desse promove. Comprados! PS: meu comentário não é político, não estou defendendo nenhum partido e sim demonstrando minha indignação por terem ofendido um departamento que trabalha tanto. Acompanhem melhor o trabalho da PF antes de Se alienarem.

Resposta 1: *A crítica construtiva, vinda através de um humor sarcástico, é devido a não existir membros do PSDB detidos, mesmo sendo denunciados nas delações. Acho que muita gente não entende da importância do humor como crítica...infelizmente*

Resposta 2: *Muito boa colocação... é isso mesmo... a vagabundagem tem que respeitar a Polícia Federal!!*

Resposta 3: *É mesmo? Mas você se lembra do aeroporto do tio do Aécio? Ou do helicóptero de cocaína do Perrela? Se o "apartamento do Lula" é investigado, por que o "aeroporto do Aécio" não é investigado?*

Resposta à resposta 1: *Não existem membros do PSDB detidos porque eles têm FORO PRIVILEGIADO, ô animal de teta. E quando eles têm FORO PRIVILEGIADO, o processo vai direto para as mãos do Janot, ou seja, a PF não tem NADA A VER COM AS PRISÕES DOS PSDBISTAS. Para de ser idiota e vai ler em vez de ficar ouvindo blablabla de quem não entende. A crítica é vazia pois quem escreveu o texto não entende bosta nenhuma de como todo o processo funciona; a "crítica" só serve para mentes vazias que querem enxergar um viés partidário na Operação Lava Jato e se esquece de quão importante ela é, tudo para defender um partido de bosta que já está morto há tempos. O humor perde a importância quando vira palanque pra petista. Agora vai tomar no seu cu.*

[Comentário com 65 respostas]: *já denunciei este vídeo, você pode fazer o mesmo*

Resposta 1: *você é idiota, né?*

Resposta 2: *Você pode não gostar do vídeo, é um direito seu. Mas qual é a regra, lei ou norma que foi desrespeitada para motivar a denúncia do vídeo? Cada um faz vídeo a favor ou contra o partido que quiser, e isso não é*

motivo de denúncia. Por mim, que prendam todos os corruptos de todos os partidos, seja PT, PSDB, PMDB, PV, etc.

Resposta à resposta 1: *idiota é quem defende o PT*

Poderíamos voltar à questão do que provoca a interação, primeiro como isso se dá observando o primeiro comentário, que tem 114 respostas (é o que mais tem respostas no espaço de comentários desse vídeo). Pode-se observar que ele é mais longo, que parece defender uma posição e argumentar minimamente. Nesse caso, poderíamos defender a ideia de que comentários mais elaborados suscitam alguma interação. Por outro lado, se observamos o outro comentário, trata-se de uma sentença de duas frases. E ele também provoca uma série de respostas. Então, novamente, a interação é muito pouco previsível. Se observarmos o quadro dos comentários do tipo 1, são enunciados que poderiam, qualquer um deles, impor uma interação, e, no entanto, não ocorreu.

Por outro lado, pode-se observar que tipos de efeitos causam essas interações no espaço de comentários do canal Porta dos Fundos. O que se pode analisar, de imediato, é que estamos bem próximos daqueles posicionamentos que observamos no quadro anterior, eles se mantêm aqui.

Voltando ao que eu dizia anteriormente, isto é, ao fato de que a interação é superficial ou fadada ao não entendimento recíproco, o que quero defender é que esses comentários em que há interação são uma amostra do que Maingueneau (2005) chamou de *interincompreensão generalizada*. Isso porque a interação que ocorre, nesse tipo de comentário, é uma interação em que o diálogo está calcado na não escuta ou numa escuta mediada pela semântica do discurso que se opõe ao do comentário.

Não se trata, de fato, de um diálogo em que as pessoas estão abertas a compreender umas às outras. Retomando o conceito de Maingueneau, da interincompreensão generalizada, quando da proposição desse conceito, ele analisava o discurso religioso do século XVII quando havia uma polêmica entre duas tendências da igreja católica, que são o jansenismo e o humanismo devoto. Maingueneau chega à conclusão de que a polêmica pode ser interpretada num processo de interincompreensão generalizada. Isso quer dizer que os dois discursos não se compreen-

dem mutuamente. De fato, essa incompreensão, frise-se, não se dá por uma má vontade, mas porque cada discurso só permite que o outro seja compreendido a partir das suas próprias regras semânticas de funcionamento. Então, nesse espaço discursivo em que há o debate, há uma interincompreensão. E isso ocorre nas polêmicas de ambos os lados. Não é privilégio de uma ou outra posição.

Um exemplo atual que compreendo como revelador da interincompreensão é o aparecimento da expressão “ideologia de gênero”. Para um certo discurso conservador, as ideias defendidas pelo outro discurso são interincompreendidas e desqualificadas, a ponto de se cunhar uma nova expressão, que é “ideologia de gênero”. Veja, para aquele discurso conservador, não há possibilidade de compreender a ideia de gênero, então ela é desqualificada, associada à palavra “ideologia”¹³.

De tal modo que, agora voltando ao vídeo, há uma certa predisposição para a interação, mas não há para compreender o outro. Isso está acirrado nas posições polarizadas que vivemos, hoje, na política. No caso, a polarização se dá em torno da PF e de sua ação, mostrada humoristicamente no vídeo.

Vou chamar esses dois discursos que temos aqui polarizados, deliberadamente, de discurso *mortadela* e discurso *coxinha*, porque acho que, se ficar no universo da comida, a gente se dá melhor. Esses discursos vão agir e estar presentes nas respostas dos internautas e na interação que se estabelece entre esses comentadores do vídeo, indicando que esse diálogo ali estabelecido está profundamente marcado pelas regras de funcionamento desses dois discursos.

Como exemplo, voltemos ao primeiro comentário. Vejamos como há uma certa argumentação em defesa da PF (embora haja um esquecimento providencial de que se trata de uma peça de humor...), e ela [a autora do comentário] vai razoavelmente bem. Porém, a argumentação esbarra numa palavra, “comprados”. Nesse caso, qualquer argumento já está marcado pela imagem que se faz do outro. Trata-se de um clichê (talvez um pré-construído) do discurso coxinha: todos que fizerem algum tipo de crítica ao funcionamento das investigações da PF, ou mesmo questionem o modo como as investigações da corrupção avançam

¹³ Sobre esse assunto, ver Gatti & Mendonça, 2018.

no Brasil, são vistos como “petistas”, ou como alguém que recebe algum dinheiro para defender o PT (comprados...) ¹⁴.

Observando a resposta 1 a esse comentário, há uma marcação de posicionamento explícito de defesa de que se trata de um vídeo humorístico crítico que questiona a atuação da PF em torno do PSDB. Não há menção ao PT. Mas, na resposta que vem a seguir (resposta à resposta 1), de certa forma, há mais do mesmo. Até quando se tem uma tentativa de estabelecer uma interação mais ampla como é a resposta 1 (embora ela esteja marcada também por diversos lugares comuns, como “não se prende tucano” etc.), na resposta a ela, há uma truculência e uma crueza que evidenciam as regras do discurso coxinha. Esse discurso impõe seu funcionamento de tal forma que a interação acaba por ali. E note-se que as imagens que se faz do outro funcionam na base da interincompreensão. O outro é sempre visto de forma homogênea: criticou a Lava-Jato, é mortadela.

Dito isto, quando se fala que o conteúdo do vídeo é ruim, logo se é visto como *um coxinha*. Se digo que o conteúdo do vídeo é interessante, sou visto imediatamente como *um mortadela*, que defende corrupto, defende o PT. E isso, mesmo nos comentários mais elaborados que não são compostos apenas por uma frase. Isso quer dizer que, mesmo em comentários desse tipo, a intercompreensão atua. Ela não é, portanto, uma ferramenta dos discursos ignorantes, ou de discursos que são menos qualificados. É, na verdade, um modo peculiar de funcionamento dos discursos em uma polêmica. Tanto que se observamos os discursos que dão origem a esse conceito, eles não são nem um pouco simplificados. São muitos e muitos anos de debate em nível, digamos, elevado. De tal modo, a interincompreensão estará na base do funcionamento discursivo; e, fatalmente, em situações polarizadas como a que vivemos, haverá essa impossível conversa, esse impossível diálogo, que se estabelece e que, de fato, por vezes, é uma não interação.

Sabendo da interincompreensão como um processo discursivo comum, já que ela ocorre tanto em grandes debates polêmicos, como os

¹⁴ Há casos anedóticos de *fake news* disseminadas à exaustão, por exemplo, de artistas que supostamente teriam uma *mamata*, via Lei Roaunet, ou de manifestantes que só iriam defender o governo porque receberiam um sanduíche de mortadela.

que são analisados por Maingueneau, e em casos como estes que analiso, as perguntas que ficam são: “de que vale a interação num processo de interincompreensão?” E “para que interagir, sabendo da interincompreensão?”

Não quero parecer alguém que vai dar uma receita, porque essas coisas em debate público não funcionam. Pelo menos eu acredito que não funcionam. Mas de todo modo, no que se pode pensar, é que o público daquela enunciação, de fato, não é o seu outro imediato, isto é, se o comentário quer persuadir alguém, este alguém não vai ser o seu outro imediato. Dito de outra forma, não adianta muito um progressista querer persuadir um reacionário.

Parece, assim, que a noção de *auditório universal*, de Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), pode ser bem válida nesse caso, porque se responde a um alguém específico, naquela interação, mas muito mais para destacar o que de errado ele vem falando e argumentando. Então, busca-se uma adesão de outros leitores, que eu posso recortar como um público particular (se eu me restrinjo a ridicularizar, por exemplo) ou eu posso projetar um auditório universal, para o qual eu terei que ser muito mais didático, mais claro do que apenas ridicularizando o outro. Então, a interação vale para esse auditório que seria universal. Não porque ele seria homogêneo, mas porque ele seria demasiadamente heterogêneo, no sentido de haver muitas posições ali naquele universo de leitores que permitiria, para ficar nos termos dos autores, uma “adesão de espíritos”.

Mas está parecendo aqui que estou fazendo uma redação do Enem: primeiro eu apresento algo, depois argumento e, por fim, proponho uma solução. Na verdade, acredito que o que eu faço aqui é mais uma tentativa de compreender as polêmicas e o seu papel no debate público do que propor solução, mesmo porque acredito que isso não passa pela compreensão de que se possa estabelecer um grande acordo consensual. Então termino citando os trechos finais do livro “Apologia da Polêmica”, de Amossy:

[...] No fim das contas, é exatamente de uma apologia da polêmica pública que trata esta obra. Não que seja necessário iludir-se sobre seus poderes ou sua moralidade, ou fazer deles um elogio incondicional. O

essencial aqui é que ela fornece uma modalidade de interação certamente limitada e imperfeita, mas que preenche funções construtivas, precisamente em razão de seus limites e de seus defeitos. Numa sociedade dividida, na qual o conflito de opiniões permanece como regra, caso deseje preservar seu pluralismo e sua diversidade, a polêmica pública proporciona um meio de lutar por uma causa e de protestar contra o que é percebido como intolerável, de realizar reagrupamentos identitários, provocando trocas mais ou menos diretas com o adversário [...]. A realidade da democracia pluralista, que se nutre das diferenças e do conflito, pede uma retórica suscetível de associar a retórica do consenso aos inúmeros casos em que o acordo sobre o arrazoado é impossível. É isso que justifica, a meu ver, a fórmula com a qual eu gostaria de terminar: “a coexistência no *dissenso*” (AMOSSY, 2017, p. 216.).

Referências

AMOSSY, Ruth. **Apologia da Polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem Online**: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola, 2015.

GATTI, Márcio Antônio. MENDONÇA, Viviane Melo de. O estereótipo e a necessidade de (contra)dizer em tempos de conservadorismo político-religioso. **Laplage em Revista** (Sorocaba), vol.4, n.1, jan.-abr. 2018, p.81-91.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Curitiba: Criar, 2005.

PERELMAN, Chaïm; Lucie OLBRECHTS-TYTECA. **Tratado da Argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.